

AS CONDIÇÕES DA AGRICULTURA PERIURBANA EM PORTO VELHO, RONDÔNIA: O SETOR CHACAREIRO (2007-2008)

LAS CONDICIONES DE LA AGRICULTURA PERIURBANA EN PORTO VELHO, RONDÔNIA: EL SETOR CHACAREIRO (2007-2008)

Prof^a Me Ana Cristina Teixeira Alves ¹
Prof. Dr Adnilson de Almeida Silva ²

Resumo

O objetivo consiste em analisar a condição da agricultura periurbana através da produção agrícola desenvolvida no Setor Chacareiro, município de Porto Velho, Rondônia no biênio 2007-2008. A metodologia empregada consistiu na pesquisa bibliográfica e a técnica de coleta de dados para obtenção de informações agrárias e demográficas sobre a área de estudo no Relatório do INCRA, Porto Velho - RO, do ano de 2008. A produção agrícola, centra-se: 30,49% em mandioca, 27,65% em policultura, 24,83% em galinhas-avicultura, 94,32% em pastagem natural, produzida em propriedades com até 0,5 hectares por agricultores imigrantes, perfazendo 77,30% e rondonienses com 22,70%. A agricultura periurbana se caracteriza por uma agricultura familiar, tradicional, hortifrutigranjeira baseada em produtos de primeira necessidade, voltada, especialmente para o consumo e praticada por agricultores imigrantes e rondonienses em minipropriedades na periferia da cidade.

Palavras-chave: Agricultura periurbana – Agricultura familiar – Produção Agrícola – Setor Chacareiro – Porto Velho, Rondônia - Brasil.

Resumen

El objetivo es analizar el estado de la agricultura periurbana a través de la producción agrícola desarrollada en el Sector Chacareiro, municipio de Porto Velho, Rondônia en el período 2007-2008. La metodología utilizada consistió en la investigación bibliográfica y la técnica de recolección de datos para obtener información agraria y demográfica sobre el área de estudio en el Informe INCRA, Porto Velho - RO, del año 2008. La producción agrícola se centra en: 30,49% en yuca, 27,65% en policultivo, 24,83% en pollos, 94,32% en pastos naturales, producidos en fincas de hasta 0,5 hectáreas por agricultores inmigrantes, totalizando 77,30% y de Rondônia con 22,70%. La agricultura periurbana se caracteriza por una agricultura familiar, tradicional, hortícola basada en las necesidades básicas, destinada especialmente al consumo y practicada por agricultores inmigrantes y de Rondônia en minipropiedades en las afueras de la ciudad.

Palabras-clave: Agricultura Periurbana - Agricultura Familiar - Productos agrícolas - Sector rancho - Porto Velho, Rondônia - Brasil.

¹ Departamento de Geografia, Universidade Federal de Rondônia, aalves@unir.br

² Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Rondônia, adnilson@unir.br.

1. Problematização

O processo de crescimento da população urbana engendra uma demanda progressiva por alimentos, acrescenta-se a isto, as questões da pobreza, do desemprego, da fome e da insegurança alimentar ainda vigentes na humanidade, sobretudo nos países periféricos. Uma das estratégias para o combate desta situação conjuntural é o desenvolvimento da agricultura urbana e agricultura periurbana. Neste trabalho, enfoca-se a agricultura periurbana na cidade de Porto Velho, no estado de Rondônia, localizado na Amazônia Ocidental, Brasil.

A agricultura periurbana corresponde a um movimento social agrícola desenvolvido nos espaços periurbanos da cidade, desenvolvendo-se em pequena escala e fazendo uso de terrenos desocupados, pertencentes ao domínio particular ou público. Esses quintais e outros espaços são utilizados pelos pequenos agricultores urbanos individuais ou coletivos, os quais podem ou não estar organizados em cooperativa. O objetivo principal deste tipo de agricultura é produzir alimentos para subsistência e/ou comercialização.

A pesquisa foi empreendida no Setor Chacareiro, localizado na Zona Leste, periferia da cidade de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia. A localidade corresponde a uma área de ocupação de terra, pertencente a Francisco Militão, desde fins dos anos de 1990. Historicamente é uma área de litígio e conflitos, mas, apesar desta situação, 76% do solo está ocupado por lotes agrícolas, apresentando uma taxa de valorização e especulação fundiária inferior a 25%, segundo a amostra de formulários dos entrevistados pelo INCRA, nos anos de 2007 e 2008.

A produção agrícola se baseia na agricultura familiar tradicional, voltada sobretudo à subsistência, e praticada por agricultores imigrantes de diversas regiões de Rondônia e do Brasil. Predomina o cultivo de produtos de primeira necessidade como: mandioca, feijão, milho e arroz; a pecuária desenvolve-se na avicultura e suinocultura, entre outros. Os problemas identificados são diversos e vão desde a falta do título da terra, passando por dificuldades de infra-estrutura, saneamento básico, disponibilidade de equipamentos de consumo coletivo, chegando até a problemática da violência urbana.

O objetivo deste trabalho é analisar a condição da agricultura periurbana através da produção agrícola desenvolvida no Setor Chacareiro, em Porto Velho, no estado de Rondônia, Brasil no período de 2007-2008.

A questão norteadora da pesquisa incide sobre as condições da agricultura periurbana, em especial aos produtos agrícolas cultivados e criação no Setor Chacareiro, em Porto Velho, Rondônia, nos anos de 2007 e 2008.

A área em foco é uma das principais áreas produtoras de folhosas da cidade de Porto Velho e se defronta com problemas de infraestrutura, desprovida de equipamentos de consumo coletivo, tais como: iluminação elétrica, pavimentação das vias públicas, escola, praça, posto de saúde, transporte coletivo etc.

Existem poucos dados e trabalhos sobre a agricultura urbana e periurbana (AUP) no estado de Rondônia.

2. Desenvolvimento

A agricultura periurbana é uma das estratégias de enfrentamento dos problemas na cidade como a fome, a insegurança alimentar, o desemprego e a pobreza urbana no mundo, e faz parte do programa e ações da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, FAO-ONU no combate a esse dilema. Além da busca por qualidade de vida e sustentabilidade nas cidades previstas nas ações e nos objetivos da Agenda 21 e Agenda 30 propostos pela ONU – Organização das Nações Unidas, na qual o Brasil se insere como signatário.

Mas como se define agricultura periurbana? Segundo Tivelli (2010, p.7) “a agricultura periurbana é o cultivo de plantas e a criação de animais ao redor do perímetro urbano ou ao redor das cidades, visando o abastecimento local. A mão-de-obra reside no meio urbano.” Acrescenta-se a isto, a silvicultura como uma das atividades econômicas desenvolvidas na agricultura periurbana, a qual explora produtos florestais como a madeira, resinas aromáticas, cupuaçu, andiroba, palmito de açaí, açaí, tucumã etc. Outras atividades desenvolvidas são a floricultura e a produção de mel.

O autor supracitado estabelece a diferenciação entre a agricultura rural e a agricultura periurbana:

O fato mais importante na agricultura periurbana que a diferencia da produção agrícola rural é que a primeira está integrada com a economia urbana e o meio ambiente das cidades. A agricultura urbana e periurbana estão encaixadas no ecossistema urbano e ativamente interagem com esse. (2012, p. 2).

A Agricultura periurbana absorve a mão de obra urbana, geralmente residente na periferia das cidades e a sua produção é armazenada, comercializada, distribuída ao seu redor e no centro da cidade. Assim, tanto a mão de obra como a produção agrícola estão voltados para o meio urbano. O abastecimento alimentar é exclusivamente para atender as necessidades do mercado consumidor das cidades com produtos frescos e perecíveis, como: as verduras, as frutas, os legumes, as carnes, mel, flores etc. Em primeiro lugar, o suprimento alimentar é para o agricultor e sua família, o excedente pode ou não ser comercializado.

O Comitê da Agricultura da FAO-ONU, Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (s.a., p.5) caracteriza a agricultura periurbana: **“Peri-urban agriculture**, as used here, refers to farm units close to town which operate intensive semi- or fully commercial farms to grow vegetables and other horticulture, raise chickens and other livestock, and produce milk and eggs.” A produção agrícola periurbana ocorre de forma intensiva ou semi-intensiva devido a pequena extensão territorial, geralmente e a atividade agrícola hortifrutigranjeira que se desenvolve em pequenos espaços.

A produção agrícola periurbana quanto ao emprego de fertilizantes e defensivos agrícolas podem ser de origem orgânica com o uso de galhos, folhas, excremento animal etc ou de origem química que são produtos industrializados e tóxicos, normalmente. Os poluentes agrícolas são um dilema a ser enfrentado em prol da sustentabilidade e qualidade de vida urbana.

O território da agricultura periurbana é uma faixa de transição de terra rural para terra urbana devido a proximidade geográfica da cidade, do perímetro urbano, da periferia e a influência do processo de urbanização.

Quanto à estrutura fundiária se caracteriza de modo geral por lotes, sítios, chácaras, propriedades fundiárias territorialmente menor em tamanho que as propriedades rurais, são mini propriedades de 0,5 ha, 1ha até 5 hectares, podendo ser menor ou maior em dimensão em alguns casos. Vale a pena ressaltar que a agricultura periurbana pode ser explorada em médias e grandes propriedades rurais, porém em via de regra, é explorada em mini propriedades através da agricultura familiar. E a condição do produtor é variável pode ser proprietário de terra, pequeno produtor ou não, arrendatário, ocupante de terra, meeiro etc.

A agricultura familiar quanto ao destino pode ser de subsistência ou comercial e empregar um pequeno número de trabalhadores agrícolas de forma temporária ou permanente. A maioria dos casos de agricultura periurbana é voltada para a subsistência, em alguns casos o excedente é comercializado em feiras-livres, aos atravessadores, mercearias, açougues, supermercados, consumidores e restaurantes.

A agricultura periurbana contribui para a segurança alimentar ou redução da carência alimentar e nutricional dos agricultores envolvidos na sua produção. É uma estratégia de combate a fome no mundo preconizada pela sociedade civil, a ONU-FAO, as entidades não-governamentais e o Poder Público.

O trabalho agrícola periurbano dedicado à produção pode ser integral ou complementar com outras atividades profissionais.

O objeto de estudo deste trabalho consiste as condições da agricultura periurbana no Setor Chacareiro da cidade de Porto Velho, no estado de Rondônia, localizado na Amazônia Ocidental do Brasil, a qual faz fronteira com a Bolívia.

Por condições da agricultura periurbana se compreende como era o quadro da agricultura na área de estudo nos anos de 2007 e 2008, no tocante, aos produtos cultivados, produtos florestais coletados/extração vegetal, ovos e a criação de pequenos animais, a estrutura fundiária, o perfil do agricultor, tipo de moradia e infraestrutura local. Estas informações foram coletadas nos formulários constantes no Relatório do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária de Porto Velho – RO, referentes aos anos de 2007 e 2008.

O recorte espacial deste estudo é o Setor Chacareiro localizado na periferia, na Zona Leste da cidade de Porto Velho, área de ocupação de terra desde o ano de 1999, e ao longo dos anos foi sendo ocupado gradativamente.

No que se refere ao uso da terra existe uma diversidade de funções, tais como: a produção agrícola, a moradia, a cobertura de vegetação de mata ciliar do rio PiriQUITOS.

À respeito da geração de emprego e renda com a horticultura através da agricultura urbana e periurbana, a FAO-ONU(2012, p.1) coloca que:

A horticultura urbana e periurbana oferece uma via de saída da pobreza. Tem baixos custos iniciais, ciclos de produção curtos e altos rendimentos por unidade de tempo e unidade de terra e água. Seus produtos têm alto valor comercial. Por fazer uso intenso da mão de obra, a horticultura cria empregos, particularmente para os recém-chegados das áreas rurais. Dos 800 milhões de pessoas que se dedicam à agricultura urbana e periurbana em todo o mundo, 200 milhões produzem para o mercado e empregam 150 milhões de pessoas em tempo integral.

Além da agricultura periurbana proporcionar emprego e renda para os desempregados de baixa renda e escolaridade que se encontram excluídos do mercado de trabalho, especialmente os de origem rural recém-chegados à cidade residentes na periferia das cidades. No Setor Chacareiro e outras áreas de agricultura periurbana no mundo oferecem emprego aos trabalhadores rurais e urbanos. A produção agrícola urbana é desempenhada por agricultores de origem rural e urbana.

A agricultura periurbana oferece vantagens econômicas em termos de negócio como: a necessidade de baixo capital e altos rendimentos em pequeno espaço de tempo, além de absorver a mão de obra de forma intensiva, gerando mais oportunidades de postos de emprego e contribuindo para a diminuição da pobreza urbana, a sustentabilidade e desenvolvimento econômico da cidade.

3. Resultados

3.1 - O Setor Chacareiro de Porto Velho, Rondônia

As informações aqui dispostas foram organizadas a partir da tabulação dos dados

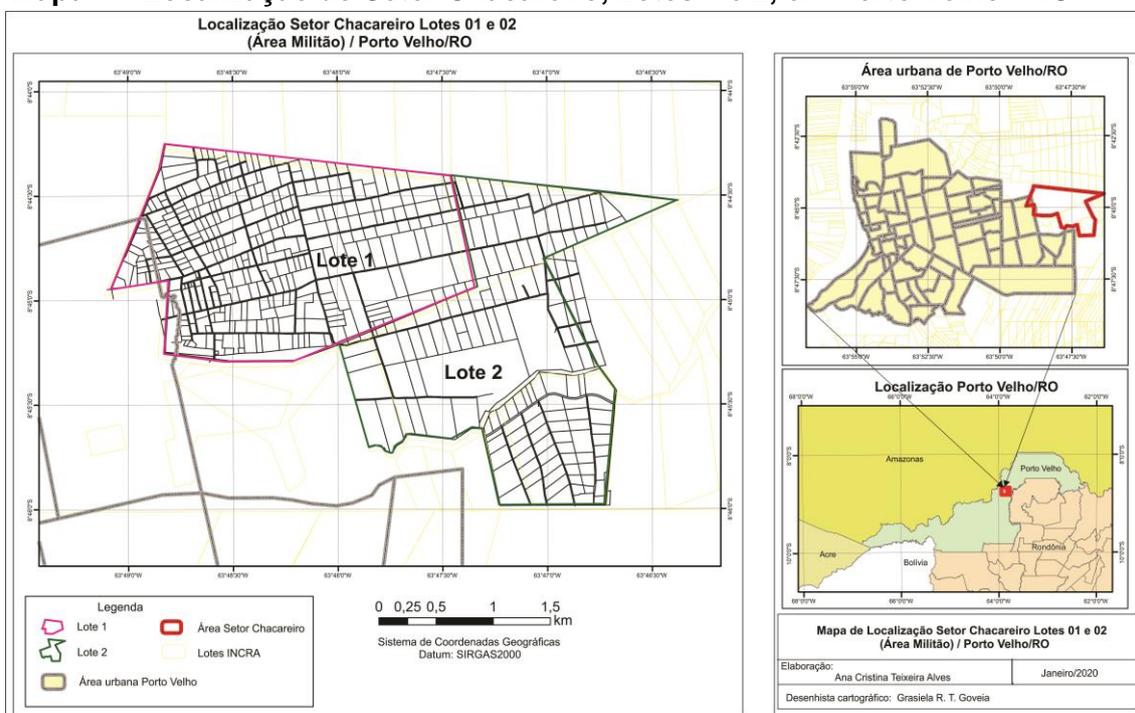
contidos nos formulários do Relatório do INCRA de Porto Velho-Rondônia, sobre a área de estudo, referentes aos anos de 2007 e 2008.

O Setor Chacareiro é uma área de ocupação de terra e de propriedade do Sr Francisco Militão. O processo de ocupação iniciou por volta do ano de 1999, já alguns agricultores afirmam que foi no ano de 2000.

A área de estudo se localiza na periferia da cidade de Porto Velho, na Zona Leste, em Rondônia, na Amazônia Ocidental – Brasil e faz fronteira com a Bolívia, vide Mapa 1. A Zona Leste é uma das regiões de planejamento mais populosa, endereço da classe trabalhadora, distante do centro da cidade e que vem sofrendo um intenso processo de urbanização.

O Setor Chacareiro é uma área produtora de gênero alimentício de primeira necessidade, centrada na agricultura familiar, localizada fora do perímetro urbano e enfrenta uma crescente pressão da urbanização. É uma área de conflito agrário, de litígio que tanto o proprietário de terra como os ocupantes tentam a regularização fundiária durante décadas junto ao Poder Público.

Mapa 1 – Localização do Setor Chacareiro, Lotes 1 e 2, em Porto Velho - RO



Fonte: INCRA Porto Velho – Rondônia, adaptado por Ana C T Alves, ano 2020.

Observando o gráfico 1, tem-se que 76% dos lotes ocupados com residentes ou não, apresentavam atividade agrícola, desmitificando a questão de especulação

imobiliária. Apesar da existência de alguns terrenos desocupados no local, isso não é exclusivo da área, haja vista que o mesmo ocorre em outros bairros no município de Porto Velho e no Brasil, de forma geral.



Fonte: INCRA, 2007 2008. Organização Ana Cristina Teixeira Alves.

Como é possível observar, a Tabela 1 apresenta informações obtidas a partir do questionamento sobre se “Exerce Função Pública, segundo o Sexo”.

TABELA 1 – Exerce função pública, segundo o sexo

| Função Pública/ Sexo | Sim | | Não | | Total | |
|-------------------------|--------|----------|--------|-----------|---------|------------|
| | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Masculino | 0 4 | 2,8 3 | 6 2 | 43,9 7 | 66 | 46,81 |
| Feminino | 0 3 | 2,1 2 | 4 0 | 28,3 6 | 43 | 30,49 |
| Sem informação | | | | | 32 | 22,70 |
| Total | | | | | 14 1 | 100,0 0 |

Fonte: INCRA-RO, 2007 e 2008. Organização: A.C.T. Alves.

Apenas 4 homens e 3 mulheres afirmaram que exerciam função pública na época, sendo menos de 6% da amostra. 62 homens e 40 mulheres responderam “não” e juntos somam mais de 72% deste conjunto de entrevistados. Outros 32 formulários estavam “sem informação” e representam 22,69% da amostra. Cabe salientar que havia também comerciantes na área, além de servidores públicos, porém eram um número inexpressivo em comparação ao dos ocupantes de terra.

TABELA 2 – Explora diretamente a área e possui residência no imóvel

| Exploração direta da área | | | | Residência no imóvel | | | | Total | |
|---------------------------|-------|-------|------|----------------------|-------|-------|-------|-------|--------|
| Sim | | Não | | Sim | | Não | | | |
| Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| 96 | 68,09 | 12 | 8,51 | 47 | 33,33 | 61 | 43,27 | | |
| Sem informação | | | | | | | | 33 | 23,40 |
| Total | | | | | | | | 141 | 100,00 |

Fonte: INCRA-RO, 2007 e 2008. Organização: A.C.T. Alves.

Diante do questionamento sobre “exploração direta da Área” e possuir “Residência no Imóvel” (Tabela 2), 33 formulários não apresentaram tal informação. Entretanto, dos 96 entrevistados que exploravam diretamente a área, 61 (43,26%) afirmaram não possuir, na época, residência no imóvel.

Os agricultores mais antigos relatam que era perigoso residir no local devido à violência, criminalidade urbana, além de poucos vizinhos próximos a sua residência e muita mata. Os agricultores ficavam meio isolados e existiam poucas linhas vicinais ou estradas.

TABELA 3 – Nº de pessoas residentes no imóvel e nº de pessoas que trabalham no imóvel

| Nº de Pessoas Residentes no Imóvel | Freq. | % | Nº de pessoas que trabalham no imóvel * | | | |
|------------------------------------|-------|--------|---|----|----|----|
| | | | 01 | 02 | 03 | 04 |
| 01 | 12 | 8,51 | 10 | 04 | -- | -- |
| 02 | 10 | 7,10 | 04 | 05 | -- | -- |
| 03 | 12 | 8,51 | 02 | 02 | 07 | -- |
| 04 | 06 | 4,26 | -- | 02 | 01 | 01 |
| 05 | 07 | 4,97 | 01 | 03 | 01 | -- |
| 09 ** | 01 | 0,70 | -- | -- | -- | -- |
| Sem Informação | 93 | 65,95 | | | | |
| Total | 141 | 100,00 | 18 | 18 | 12 | 05 |

Fonte: INCRA-RO, 2007 e 2008. Organização: A.C.T. Alves.

* há trabalhadores que não residem no imóvel.

** o entrevistado não informou o número de pessoas que trabalham no imóvel.

No que tange ao tópico “Nº de pessoas residentes no imóvel e nº de pessoas que trabalham no imóvel”, (Tabela 3), 93 formulários não apresentaram informação, o que representa 65,95% da amostra. Dos que responderam, verifica-se que é maior a quantidade de pessoas que residiam no imóvel, variando entre 1 a 5 pessoas. Em um caso havia 9 membros num único imóvel, sendo que o número de pessoas que trabalhavam no imóvel varia mais entre 1 a 3 membros – isso sugere que muitos poderiam ser crianças sem idade própria para este tipo de trabalho.

TABELA 4 – Existência (trabalho) de Caseiro

| Caseiro | Frequência | % |
|----------------|------------|--------|
| Sim | 17 | 12,05 |
| Não | 81 | 57,45 |
| Sem Informação | 43 | 30,50 |
| Total | 141 | 100,00 |

Fonte: INCRA-RO, 2007 e 2008. Org.: A.C.T. Alves.

Em relação à “Existência (trabalho) de Caseiro” (Tabela 4), 81 entrevistados (57,44%) responderam “não”, 43 formulários não indicavam tal informação (30,49%) e apenas 17 (12,05%) responderam sim. Demonstrando que a grande maioria trabalhava diretamente nos seus lotes. Isso descontrói o pensamento comum de que os ocupantes desejam obter terras, visando a sua comercialização futura, uma forma de especulação fundiária reinante em Porto Velho.

Tabela 5 – Forma de Obtenção da Terra e Tipo de Comprovante

| Obtenção da Terra | Freq. | % | Comprovante da Terra declarado | |
|--------------------------------|-------|--------|--------------------------------|--------------------|
| | | | Recibo | Sem Documentação.o |
| Ocupação | 24 | 17,03 | -- | 24 |
| Cessão | 02 | 1,41 | -- | 02 |
| Compra * | 27 | 19,15 | 11 | 15 |
| Doação * | 07 | 4,97 | -- | -- |
| Assentamento pela Associação * | 35 | 24,83 | 01 | 30 |
| Desistência (de terceiros) | 01 | 0,70 | 01 | -- |
| Troca de Bens | 02 | 1,41 | 02 | -- |
| Sem Informação | 43 | 30,50 | | |
| Total | 141 | 100,00 | | |

Fonte: INCRA-RO, 2007 e 2008. Org.: A.C.T. Alves.

* nem todos os entrevistados informaram qual o tipo de comprovante da terra que possuem.

Sobre a “Forma de Obtenção da Terra, segundo o tipo de Comprovante” (Tabela 5), a maioria foram assentados por Associação (35), seguidos dos que compraram (27) e dos que ocuparam (24), além de outras formas bem menos indicadas. Entretanto, o maior índice, representando 30,49% da amostra – 43 entrevistados, não apresentaram tal informação. Quanto ao comprovante, observa-se que poucos afirmaram possuir recibo (em torno de 10%), enquanto os demais, todos os que ocuparam, a maioria dos que compraram ou foram assentados por associação, estavam sem documento (mais de 50% da amostra).

Registra-se que todas as tabelas elaboradas neste contexto apresentem uma quantidade expressiva de formulários “sem informação”, por meio da organização desta amostra relativa ao Levantamento Ocupacional da Área do Sr. Militão efetuado pelo INCRA, entre 2007 e 2008.

TABELA 6 – Ano da ocupação atual

| Ano | Freq. | % |
|----------------|-------|--------|
| 1999 | 02 | 1,42 |
| 2000 | 10 | 7,10 |
| 2001 | 06 | 4,25 |
| 2002 | 03 | 2,12 |
| 2003 | 11 | 7,80 |
| 2004 | 13 | 9,22 |
| 2005 | 05 | 3,55 |
| 2006 | 09 | 6,39 |
| 2007 | 37 | 26,25 |
| 2008 | 01 | 0,70 |
| Sem informação | 44 | 31,20 |
| Total | 141 | 100,00 |

Fonte: INCRA-RO, 2007 e 2008. Organização: A.C.T. Alves.

O “Ano da Ocupação Atual” (Tabela 6) não foi respondido por 31,20% da amostra. Dentre os que informaram, os anos citados foram de 1999 a 2008, destacando-se o ano de 2007, com 37 participantes (26,24%), seguido por 2004 com 13 (9,21%). Observa-se que o ano de maior frequência de ocupação da área foi em 2007, exatamente no ano que o INCRA, a pedido do Ministério Público, realizou um cadastramento dos ocupantes e gerou um relatório.

TABELA 7– Localização do imóvel por rua ou linha rural

| Rua ou linha rural | Freq. | % |
|-----------------------------|-------|-------|
| Rua Raimundo Cantuária | 25 | 17,74 |
| Linha SantaTerezinha | 04 | 2,84 |
| Linha Mineiros | 06 | 4,26 |
| Linha Santarém | 04 | 2,84 |
| Linha Madre Paulina | 18 | 12,77 |
| Linha Costa Dias | 12 | 8,51 |
| Linha Afonso Brasil | 04 | 2,84 |
| Linha Paniago | 01 | 0,70 |
| Linha Salvador Lira | 01 | 0,70 |
| Linha 01 | 02 | 1,41 |
| Linha 02 | 05 | 3,55 |
| Linha 03 | 01 | 0,70 |
| Linha Vinicius de Moraes | 01 | 0,70 |
| Linha Pastor Tavares | 03 | 2,13 |
| Linha Pé de Cedro | 05 | 3,55 |
| Linha Afonso Silva/Mineiros | 01 | 0,70 |
| Rua Airton Dias | 01 | 0,70 |
| Rua Três Amigos | 03 | 2,13 |
| Linha Jerusalém | 10 | 7,14 |

| | | |
|------------------------|-----|--------|
| Linha Pastor Leon Cruz | 01 | 0,70 |
| Linha Nova Aliança | 02 | 1,41 |
| Linha São Lázaro | 01 | 0,70 |
| Linha dos Piriquitos | 11 | 7,81 |
| Linha Kabutiá | 01 | 0,70 |
| Sem informação | 18 | 12,77 |
| Total | 141 | 100,00 |

Fonte: INCRA-RO, 2007 e 2008. Organização: A.C.T. Alves.

A tabela 7 mostra uma concentração espacial na linha Raimunda Cantuária, em virtude do fácil acesso e da proximidade das paradas de ônibus.

TABELA 8 - Área explorada por hectare

| <i>Exploração (ha)</i> | <i>Frequência</i> | <i>%</i> |
|------------------------|-------------------|----------|
| 0,01 | 01 | 0,70 |
| 0,05 | 06 | 4,27 |
| 0,10 | 02 | 1,42 |
| 0,15 | 01 | 0,70 |
| 0,20 | 02 | 1,42 |
| 0,25 | 05 | 3,56 |
| 0,30 | 03 | 2,14 |
| 0,32 | 01 | 0,70 |
| | | |
| 0,35 | 01 | 0,70 |
| 0,40 | 03 | 2,14 |
| 0,50 | 15 | 10,66 |
| 0,60 | 02 | 1,42 |
| 0,75 | 03 | 2,14 |
| 0,80 | 01 | 0,70 |
| 0,85 | 01 | 0,70 |
| 1,00 | 06 | 4,27 |
| 1,20 | 01 | 0,70 |
| 1,30 | 02 | 1,42 |
| 1,40 | 02 | 1,42 |
| 1,62 | 01 | 0,70 |
| 2,00 | 02 | 1,42 |
| 2,25 | 01 | 0,70 |
| 2,60 | 01 | 0,70 |
| 2,68 | 01 | 0,70 |
| 2,83 | 01 | 0,70 |
| 3,00 | 02 | 1,42 |
| 3,60 | 01 | 0,70 |
| 6,04 | 01 | 0,70 |
| Sem informação | 72 | 51,08 |
| Total | 141 | 100,00 |

Fonte: INCRA-RO, 2007 e 2008. Organização: A.C.T. Alves.

A “Área explorada por hectare (ha)” (Tabela 8), demonstra uma diversidade muito grande, com predomínio de frações de hectares, sendo o ápice a opção 0,50 ha, citado por 15 entrevistados e representando 10,63% da amostra.

A maioria dos ocupantes residem em lotes com a dimensão inferior a um módulo rural, sítio e minifúndio de até 5 (cinco) hectares.



TABELA 9 - Hectares de áreas exploradas por culturas

| Hectare (ha) | Culturas */ Freqüência | | | | | Soma |
|----------------|------------------------|--------|-------|-------|----------|------|
| | Mandioca | Feijão | Milho | Arroz | Diversas | |
| 0,01 | 01 | -- | -- | -- | 03 | 04 |
| 0,02 | 01 | -- | -- | -- | -- | 01 |
| 0,03 | 03 | -- | -- | -- | -- | 03 |
| 0,05 | 06 | 01 | 04 | -- | 10 | 21 |
| 0,10 | 01 | 01 | -- | -- | 01 | 03 |
| 0,13 | 01 | -- | -- | -- | -- | 01 |
| 0,15 | 07 | 02 | -- | -- | -- | 09 |
| 0,20 | 04 | -- | -- | -- | -- | 04 |
| 0,25 | 01 | 02 | 01 | -- | -- | 04 |
| 0,30 | 06 | -- | -- | 02 | -- | 08 |
| 0,37 | -- | 01 | -- | -- | -- | 01 |
| 0,40 | -- | -- | -- | -- | 01 | 01 |
| 0,45 | 03 | -- | -- | -- | -- | 03 |
| 0,50 | 07 | 01 | 01 | -- | 08 | 17 |
| 0,60 | 04 | -- | 01 | -- | -- | 05 |
| 0,70 | 02 | 01 | -- | -- | -- | 03 |
| 0,80 | 01 | -- | -- | -- | -- | 01 |
| 1,00 | 03 | -- | 02 | -- | -- | 05 |
| 1,12 | 01 | -- | -- | -- | -- | 01 |
| 1,50 | 03 | -- | -- | -- | -- | 03 |
| 1,75 | 01 | -- | -- | -- | -- | 01 |
| 1,80 | 02 | -- | -- | -- | -- | 02 |
| Sem informação | | | | | | 50 |
| Total | | | | | | 151 |

Fonte: INCRA-RO, 2007 e 2008. Organização: A.C.T. Alves.

* Dos entrevistados que responderam à questão, alguns informaram mais de um tipo de cultura.

A maioria dos ocupantes residem em lotes com a dimensão inferior a um módulo rural, sítio e minifúndio de até 5 (cinco) hectares.

Na Tabela 9, observa-se quanto ao “Tipo de Cultura (cultivo) por ha”, que dos legumes, a mandioca foi o grande destaque, tendo sido citada por 43 entrevistados (30,49%). Quanto à produção de frutas, 39 participantes (27,65%) fazem plantios diversos, embora a quantidade de formulários sem informação também tenha sido expressiva — 45 participantes, somando 31,91%.

Os formulários sem informação são formados pelos moradores urbanos, agricultores sem produção ou não levantamento de dados durante a pesquisa de campo.

A rusticidade da mandioca, o seu consumo é muito difundido na área rural brasileira, conhecida como o “pão dos pobres”. É uma cultura típica da agricultura familiar, e geralmente cultivada pelo camponês juntamente a outros produtos agrícolas, como feijão, milho e arroz. Além disso, a mandioca se destaca na Região Amazônica como dieta alimentar, segundo Josué de Castro (1984, p.53):

A região da Amazônia representa, sob o ponto de vista ecológico, um tipo unitário de área alimentar muito bem caracterizado, tendo como alimento básico a farinha de mandioca”. No consumo regional da farinha d’ água com peixe, e adicionado no vinho de açaí, além de diferentes usos culinários.

FAUSTO (1995), coloca que na época das Feitorias, no século XVI, os indígenas produziam farinha d’ água e faziam escambo com os portugueses em busca de produtos como espelhos, canivetes, punhais etc.

TABELA 10 – Pastagem por hectare

| <i>Tipo de pastagem</i> | <i>Hectare(s)/ quantidade por imóvel</i> | | | | | <i>Freq.</i> | <i>%</i> |
|--------------------------------------|--|------------|------------|------------|------------|--------------|----------|
| | 0,24 ha | 0,60 ha | 0,80 ha | 1,00 ha | 2,30 ha | | |
| Brachiarão | 01 | -- | -- | 02 | 01 | 04 | 2,84 |
| Quicuiu | -- | 01 | 01 | 01 | 01 | 04 | 2,84 |
| Sem pastagem de quicuiu e brachiarão | | | | | | 133 | 94,32 |
| Total | | | | | | 141 | 100,00 |

Fonte: INCRA-RO, 2007 e 2008. Organização: A.C.T. Alves.

Quanto à “Pastagem por Hectare” (Tabela 10), em 134 formulários (95,03%) estavam sem pastagem, 2,83% da amostra citaram Quicuiu e apenas 2,12% o Brachiarão. Vale a pena ressaltar que 95,3% sem pastagem significa que não tinha a plantação de pastagem de quicuiu e brachiarão, mas se dedicava a outras atividades agrícolas, além de casos de criação de animais em pastagem natural e não plantada, cultivada.

Do “Tipo de criação por cabeça” (Tabela 11), 81 formulários (57,44% da amostra) estavam sem criação, mas dos citados, predominaram as galinhas citadas por 34 informantes (24,11% da amostra), criadas em quantidades pequenas (abaixo de 50 cabeças).

TABELA 11 – Tipo de criação por cabeça

| Tipo de criação | Cabeças (unidade) | | | | | | | | | Freq. | % |
|-----------------|-------------------|---------|---------|----------|-----|-----|-----|-----|------|-------|-------|
| | Até 25 | 26 a 50 | 51 a 75 | 76 a 100 | 150 | 250 | 290 | 500 | 5000 | | |
| Aves (Galinhas) | 13 | 15 | 02 | 02 | 01 | 01 | 01 | -- | -- | 35 | 24,83 |
| Aves (Patos) | 01 | 06 | -- | -- | -- | -- | -- | 01 | -- | 08 | 5,68 |
| Suínos | 08 | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | 08 | 5,68 |
| Caprinos | 01 | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | 01 | 0,70 |
| Equinos | 02 | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | 02 | 1,41 |
| Bovinos | 01 | 01 | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | 02 | 1,41 |
| Tilápias | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | 02 | 02 | 1,41 |
| Sem criação | | | | | | | | | | 83 | 58,88 |
| Total | | | | | | | | | | 141 | 100,0 |

Obs. Um dos produtores possui mais de um tipo de criação.

Fonte: INCRA-RO, 2007 e 2008. Organização: A.C.T. Alves.

A avicultura predomina sobre as demais criações, entre elas, a bovinocultura. Sendo aquela criação um indicador típico das agriculturas urbana e periurbana, a criação granjeira de forma intensiva ou extensiva. A última os animais são criados soltos no pasto, de forma tradicional.

TABELA 12 – Naturalidade por Estado do entrevistado

| Naturalidade/Estado | Frequência | % |
|------------------------|------------|-------|
| Rondônia (Porto Velho) | 17 | 12,06 |
| Rondônia (interior) | 15 | 10,64 |
| Amazonas | 06 | 4,26 |
| Acre | 06 | 4,26 |
| Mato Grosso | 04 | 2,84 |
| Mato Grosso do Sul | 02 | 1,42 |
| Maranhão | 03 | 2,13 |
| Minas Gerais | 01 | 0,70 |
| Bahia | 02 | 1,42 |
| Rio Grande do Sul | 01 | 0,70 |
| Pará | 02 | 1,42 |
| Ceará | 04 | 2,84 |
| Paraná | 07 | 4,97 |
| Piauí | 03 | 2,13 |
| Pernambuco | 01 | 0,70 |
| São Paulo | 03 | 2,13 |
| Paraíba | 01 | 0,70 |

| | | |
|----------------|-----|--------|
| Tocantins | 01 | 0,70 |
| Rio de Janeiro | 01 | 0,70 |
| Sem informação | 61 | 43,28 |
| Total | 141 | 100,00 |

Fonte: INCRA-RO, 2007 e 2008. Organização: A.C.T. Alves.

A “Naturalidade do Entrevistado” (Tabela 12) foi diversificada, predominado os nascidos em Porto Velho (17 – 12,05%), seguidos pelos do Interior de Rondônia (15 – 10,63%). 61 formulários estavam sem essa informação e representam 43,26% da amostra. Dos entrevistados vindos de outros Estados, destacaram-se Paraná (7 – 4,96%), Amazonas e Acre (ambos com 6 – 4,25%). Os formulários sem informação ocorreram porque foi extraída a naturalidade a partir da carteira de identidade, nem todos ocupantes anexaram este documento, e também realizamos uma amostra para levantar a naturalidade.

Nas décadas de 1970 e 1980, tempo áureo da colonização oficial no Estado de Rondônia, havia a predominância dos sulistas, sobressaindo-se os paranaenses e gaúchos, em comparação aos rondonienses.

Os imigrantes do Paraná e Rio Grande do Sul enfrentam diversos problemas fundiários, tais como: a concentração fundiária, o parcelamento das terras entre os familiares descendentes com o fracionamento em micropropriedades inferior ao tamanho de um minifúndio insuficiente para garantir o sustento da família, mecanização agrícola, geada e outros.

4. Considerações

O Setor Chacareiro apesar de se localizar no limite do perímetro urbano e sofrer a influência da expansão urbana, mostra que 76% do uso do solo é agrícola. Essa área se conforma como espaço de transição entre a zona rural e o urbana, constituindo-se enquanto uma área suburbana. E vem sofrendo uma pressão do processo de urbanização em função da expansão urbana, crescimento populacional e localizar-se próximo do perímetro urbano.

A agricultura familiar é a existente no local, praticada com técnica agrícola tradicional por imigrantes e rondonienses em chácaras, mini propriedades com tamanho inferior a 1(um) hectare.

A produção agrícola tem a vocação hortifrutigranjeira, pautada na cultura de legumes, na fruticultura e na avicultura, em menor escala em verduras, folhosas, suinocultura, floricultura, apicultura, silvicultura e piscicultura.

5. Referências

1. ALVES, Ana Cristina Teixeira. O Setor Chacareiro. In: **A agricultura urbana em Porto Velho, Rondônia: o Setor Chacareiro**. UNIR, Departamento de Geografia. Porto Velho, RO, 2016.
2. CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**, o dilema brasileiro. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 2008.
3. FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations. Urban and Peri-urban Agriculture. Disponível em: https://www.fao.org/unfao/bodies/coag/coag15/x0076e.htm#P106_11554. Acesso em 8 de novembro de 2021.
4. FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo. EDUSP, 1995.
5. INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA). **Relatório do INCRA**, levantamento na propriedade fundiária do Sr. Francisco Militão. Porto Velho, Rondônia – Brasil: INCRA, Porto Velho – RO, 2008.
6. TIVELLI, S. W. Horticultura urbana e periurbana. Disponível em: <http://www.aptaregional.sp.gov.br>. Secretaria de Abastecimento do Governo do Estado de São Paulo. 2010. Acesso em: 8 de novembro de 2021.
7. _____. Agricultura Urbana e Periurbana: Qual o modelo que queremos e que podemos? **Pesquisa & Tecnologia**, vol. 8, n. 2, jul-dez 2011.